

Cinema documentário e representação da migração

José Francisco Serafim

Universidade Federal da Bahia (UFBA); CEMRI/UAB, Brasil

Natália Ramos

Universidade Aberta (UAB); CEMRI, Portugal

Abstract

The issue of migration will be present in the cinema since nearly its beginning, already in the early twentieth century, the English director Charles Chaplin made a short fiction (The Immigrant, 1917) in which he plays an immigrant in the United States and refers to its own situation, as a young migrant in the United States. The documentary film, especially from the mid-1950s, will bring compelling works on this issue. For example the French director Jean Rouch hold at least three documentaries on this subject: Les maîtres fous; Moi, un Noir and Jaguar. Migration is nowadays one of the most recurrent themes in various types of media in the world, and documentary cinema has been addressing the issue through multiple forms of representation, presenting since most classic format works such as Les gens des baraquas (Robert Bozzi, 1995), (auto) biographical as Os dias com ele (Maria Clara Escobar, 2012) or even through the animation as the film Couleur de peau: miel (Jung et Laurent Boileau, 2012). The object of this communication is to look into on the representation of migration in contemporary documentary film, bringing an approach emphasizing strategies of mise en scène used by directors when conducting his films conciliated both the form and content. The contemporary documentary scene is rich in showing this important social issue through a creative look, poetic, personal and autobiographical. Through some documentary works carried out from the 2000s we will seek to analyze these current problems.

Keywords: Documentary film, Representation, Migration, Strategies of *mise en scène*, *Filmic analysis*.

Introdução

A questão das migrações, sobretudo a questão das migrações forçadas e dos refugiados é uma das questões mais preocupantes no mundo atual, tanto dos Estados, como das populações, dado o grande número de imigrantes e refugiados que atualmente buscam melhores condições de vida, ou mesmo somente, a sobrevivência em países que possam acolhê-los e dar-lhes condições dignas de vida, tais como moradia, saúde, trabalho etc. É cada vez maior o número de pessoas que buscam deixar os seus lugares de origem, sobretudo oriundas de países da África, ou do Médio Oriente, e que visam fugir a uma situação de extrema miséria, agregada às péssimas condições de vida e a situações de conflitos e guerras. Alguns morrendo nestas travessias, outros fugindo à morte e sendo explorados por "passadores" sem escrúpulos, situações que agravam esta tragédia e crise humanitária atual que se vive sobretudo na

Europa. Os países ocidentais desenvolvidos são os primeiros locais onde essa população busca refúgio. Contudo, muitos desses países confrontados com um grande número de migrantes e refugiados, alguns vivendo crises sociais, económicas e políticas no interior dos seus próprios países, estão de alguma forma fechando as suas fronteiras ou dificultando a vinda dessa população migrante. A situação em determinados países de acolhimento, tal qual vemos na mídia diariamente, apresenta-se caótica, pois não conseguindo acolher dignamente esta nova população ela acaba sendo confinada em campos de refugiados, a exemplo do que ocorre na cidade de Calais na França, onde uma grande quantidade de pessoas em situação ilegal está concentrada em busca de atravessar o canal da Mancha a fim de se instalar do outro lado, na Inglaterra. A mesma situação problemática pode ser observada em países como Alemanha, Grécia e Itália. Pouco se sabe dos desdobramentos dessa crise que não é atual, mas que nos dias de hoje se tem acirrado e tem motivado frequentes reuniões e debates entre os diversos governos envolvidos na crise migratória e dos refugiados e também de instituições internacionais humanitárias e migratórias.

Se o final dessa crise humanitária, política e social está ainda longe de encontrar uma solução, o cinema tanto ficcional, quanto documental, tem na contemporaneidade se debruçado sobre ela de forma recorrente, trazendo obras contundentes que nos permitem conhecer melhor e tecer uma reflexão sobre as diversas situações envolvidas nesse conflito que tem múltiplas facetas. É interessante observar que não somente essa representação é na atualidade necessária por trazer para as telas do cinema e da televisão uma das problemáticas que mais necessitam de uma ampla discussão na sociedade, e ao fazê-lo, dá visibilidade à questão, faz com que as pessoas possam ter outros pontos de vista que não sejam somente o da apresentação de imagens dramáticas (os campos de refugiados, por exemplo). Ao expor, mostrar, denunciar essa situação, ela permite que essa questão se torne mais visível, promova a reflexão, solidariedade e cidadania junto das populações e dos governos e o desenvolvimento de políticas públicas, permitindo ir mais além da simples apresentação de fatos trágicos e lamentáveis que assistimos e vemos com muita frequência na mídia, a exemplo dos imigrantes encontrados mortos num caminhão frigorífico abandonado numa estrada austríaca em 2015.

O cinema tem tido um papel exemplar na representação da migração e das diversas diásporas, e tem conseguido um grande sucesso, tanto da crítica quanto do público, em produções recentes nacionais e internacionais. Em 2015, o filme ficcional *Deehpan*, do cineasta Frances Jacques Audiard, venceu o Festival

de Cannes. O filme apresenta o drama vivenciado por uma falsa família, formada com o objetivo de deixar o seu país de origem, o Sri Lanka, a fim de se instalar na periferia da cidade de Paris. Neste filme acompanhamos a difícil inserção da “família” no seu novo ambiente, situação que pode ser considerada no mínimo hostil e violenta. Em 2016 foi a vez da ficção francesa *Fatima*, de Philippe Faucon, ganhar a mais alta recompensa na Cerimônia dos Cesar. Aqui diferentemente de *Deephan*, acompanhamos momentos da vida da imigrante argelina Fatima e das suas duas filhas, para as quais a protagonista busca dar melhores condições de vida, mesmo que seja através do duro trabalho como empregada doméstica. Veremos a grande felicidade estampada no rosto de Fatima quando essa vê o nome da filha aprovado para o segundo ano da faculdade de medicina, momento emocional e mágico que só o cinema através da imagem pode nos ofertar. Aqui se busca a integração e a inserção na nova sociedade desta família mesmo que esta seja conseguida somente para a segunda geração de migrantes, no caso as filhas da protagonista.

Já no festival de Berlin deste ano, 2016, o filme ganhador do Urso de Ouro foi o documentário, *Fuoconnmare*, de Gianfranco Rosi. Nele podemos ver grupos de imigrantes e refugiados tentando chegar à ilha italiana de Lampedusa, localizada a 200 km da costa italiana e ponto de escala quase obrigatório para aqueles que de forma clandestina pretendem se instalar na Europa vindos, nomeadamente de África. Infelizmente muitos deles não conseguem chegar ao destino sonhado, não conseguem chegar à ilha, morrendo no caminho fruto das frágeis e perigosas condições de deslocação. Acompanhamos ao longo do filme, sem comentário ou voz *over*, a chegada dos refugiados e em paralelo o cotidiano dos habitantes da ilha, sobretudo através do olhar de Samuel, um adolescente de 12 anos.

Contatamos então que a representação dessa questão sensível e trágica da atualidade relativa aos migrantes e refugiados consegue em muitos filmes unir um conteúdo forte, contundente e reflexivo através de uma forma artística e emocionante, tanto em obras ficcionais quanto documentais.

A fim de subsidiar a questão da representação da imigração no cinema focaremos a seguir numa sucinta discussão sobre as diversas formas em que essa problemática é apresentada. Seguidamente analisaremos duas obras documentais recentes que abordam a imigração no Brasil, uma trazendo a migração boliviana e a outra mostrando a realidade de migrantes vindos do Haiti.

Cinema documentário e (i)migração

Trata-se de uma problemática ampla que extrapola largamente os limites desta comunicação, buscando-se aqui tão somente abordar a questão nas suas diversas variantes e formas de representação, restringindo-se a poucas cinematografias e a um período temporal determinado, designadamente a partir dos anos 1960. O cinema documental traz em muitas obras essa questão,

seja através de um ponto de vista principal ou secundário. Uma vertente significativa do cinema documental é a de abordar em muitas obras a questão do deslocamento e da diáspora. A obra documental e autobiográfica do cineasta estadunidense de origem lituana Jonas Mekas será, nesse sentido, exemplar. Em muitos dos seus filmes a questão principal será de mostrar e refletir sobre a vida no país de acolhimento. Em 1972, o diretor realizou *Reminiscências de uma viagem à Lituânia*, no qual o vemos retornar ao seu país de origem e à cidade que o viu nascer, 25 anos após ter deixado o país natal. Acompanhamos e vemos o diretor a conversar com os seus familiares sobre o tempo passado e a vida no país de acolhimento. A obra de Mekas é modelar e grandiosa no quesito representação da situação de migração e traz um elemento formal dos mais interessantes ao transitar pelas vanguardas dos anos 1960 e 1970.

Outros cineastas como a belga Chantal Akerman abordam a questão da migração sob outro prisma. No seu filme *News from home* (1977), ouvimos cartas da mãe endereçadas à filha que está vivendo em Nova Iorque, tendo como complemento imagens onde vemos planos da cidade de acolhimento. Em 2002 a diretora realizou o documental *Do outro lado* no qual aborda a questão da migração tradicional de mexicanos para os Estados Unidos.

Também Portugal, país tradicional de emigração, sobretudo a partir dos anos 1980 passará a ser também um país de imigração, acolhendo muitos imigrantes vindos sobretudo dos PALOP, da Europa de Leste e do Brasil, sendo a comunidade brasileira a principal comunidade imigrante em Portugal (RAMOS, 208, 2009, 2012, 2015). São essas facetas de um país e de sua população que serão apresentadas em dois filmes documentais, um realizado por um diretor francês e outro por um diretor português. O primeiro *Les gens des baraques*, realizado em 1995 por Robert Bozzi busca reencontrar as pessoas filmadas num documental realizado pelo diretor em 1970, na periferia de Paris, mais propriamente na região de Saint Denis. Ele encontrou vários dos protagonistas filmados vinte e cinco anos antes, sendo que muitos deles haviam retornado para Portugal onde haviam construído as suas casas à espera da aposentadoria. A grande maioria dos personagens filmados em 1970 vieram de Portugal e de Espanha, buscando em França melhores condições de vida. O filme vai dar voz a esses imigrantes que vão lembrar com muita emoção o período difícil e doloroso em que foram obrigados a viver em condições subumanas em alojamentos precários, em barracas sem saneamento e infra-estruturas.

Já o documentário de Sergio Tréfaut, *Lisboetas* (2004), mostra uma faceta da imigração, em Portugal, sobretudo da região de Lisboa, onde se concentra o maior número de imigrantes. A partir dos anos 80 do século XX, depois da descolonização e após a entrada na Comunidade Europeia Portugal vai acolher um grande número de imigrantes, para se tornar um país sobretudo de imigração. Tréfaut no seu filme mostra com muita emoção esses novos atores sociais que vieram do Brasil, Ucrânia, Rússia, Moldávia, China e de países africanos em busca de uma vida melhor. O

documentário dá voz a esses “excluídos”, separados da sua terra de origem e das suas famílias, muitos em situação ilegal e que se deparam com um novo país do qual poucos conhecem a língua, a cultura, as regras e as normas administrativas, situações que influenciam a integração e saúde desta população. O diretor estrutura o seu filme mostrando o que seria a chegada do migrante, e a busca pela legalização da sua situação. As primeiras imagens do filme mostram um imigrante brasileiro que faz um telefonema para a mulher que ficou no Brasil, dizendo num certo momento: “*Eu liguei porque tô com saudade. Eu gosto de falar com você, ouvir sua voz, a saudade bate. Estou emocionado.*” Esta é uma das preocupações de muitos indivíduos e famílias que deixaram os seus entes queridos e familiares na terra natal, o sentimento da solidão, de isolamento, da ausência, a saudade, neste caso da mulher e dos filhos, agregada a situações muitas vezes bastante precárias, por vezes de ilegalidade no país de acolhimento, associada à baixa remuneração e às poucas perspectivas de reverter essa situação (RAMOS, 2008, 2009, 2012, 2015). O filme de Tréfaut é, nesse sentido, exemplar ao dar visibilidade a diversos personagens que estão certamente reconfigurando a paisagem humana, sonora e visual da capital portuguesa e que podem ser considerados os novos “lisboetas”.

O Brasil, país próximo historicamente e culturalmente de Portugal, tem uma situação de migração bastante diferenciada da portuguesa. Já que o Brasil será, sobretudo um país de imigração desde praticamente a chegada do português no século XVI. Esta imigração se intensificará a partir do final do século XIX e início do XX, virão italianos, alemães, espanhóis, japoneses que buscarão se inserir na nova sociedade e formar com os portugueses, indígenas e negros o que virá a ser a população brasileira. A partir dos anos 1960 em decorrência do golpe militar e da ditadura que permanecera até meados dos anos 1980, uma grande quantidade de brasileiros em decorrência do clima de censura e repressão presentes no país, deixarão o país e migrarão para países da América Latina, sobretudo o Chile e para países da Europa. Muitos filmes documentais e ficcionais abordam essa questão e esse período conturbado na história recente do Brasil. Nos anos 1960 ocorrerá sobretudo um processo migratório interno, de pessoas do Norte e Nordeste do país em direção ao Sul e Sudeste brasileiros. Esses anos representam a consolidação da cidade de São Paulo como pólo económico do país e a cidade que está passando por uma drástica transformação em sua arquitetura e indústria necessita de mão de obra que alimente esses setores em expansão. Dois documentários serão emblemáticos desse período, o primeiro realizado por Geraldo Sarno, *Viramundo* (1965), mostra desde a chegada dos nordestinos em São Paulo, a busca de inserção no mercado de trabalho, o desencanto com a cidade e por vezes o retorno à cidade natal pela total falta de perceptiva na cidade de acolhimento. O filme apresenta também a relação estabelecida pelo migrante e a religião como suporte social, como válvula de escape de uma situação de opressão social e económica. Já o filme de João

Batista de Andrade, *Migrantes* (1973), de 8 minutos apenas, mostra a difícil inserção do migrante em São Paulo, onde vemos duas famílias que vivem debaixo de um viaduto da cidade e que são denominados pelos paulistanos como “marginais”. Ouvimos o migrante dizer que quer trabalhar, e que deixou o interior da Bahia, por falta de perspectiva e que está ali tentando melhorar as condições de vida da esposa e da filha, mas que não estão conseguindo trabalho nas suas profissões. A curta metragem mostra uma situação triste e desoladora, já que a imagem apresenta a mulher e a filha pequena ao lado de outra mulher com um bebé. As duas famílias moram nas ruas da cidade. Muitos filmes deste período apresentarão a situação migratória interna e as diversas facetas da (im)provável inserção dessa população com baixo nível de instrução, muitos não conseguindo se inserir no mercado de trabalho e só tendo como alternativa retornar ao local de origem, evidenciando uma triste derrota pessoal e social.

A partir dos anos 1980, a migração interna diminuirá de intensidade já que cada vez mais nos grandes centros necessita-se de mão obra especializada e instruída, o que não é o caso dos agentes dessa primeira fase da migração. O cenário da cidade de São Paulo modifica-se igualmente, pois novos atores sociais começarão a ter um papel importante nessa nova reconfiguração do espaço urbano e social, a exemplo dos coreanos que aos poucos começam a instalar-se num dos bairros tradicionais da cidade, o Bom Retiro e ali implantam lojas e oficinas de confecção empregando mão de obra tanto local quanto estrangeira, sobretudo boliviana.

Mais recentemente, a partir dos anos 2010 novos imigrantes começam a chegar ao Brasil visando se instalar no país, são os haitianos que após o catastrófico terremoto ocorrido em janeiro de 2010 e que devastou diversas cidades do país causando a morte amais de 200 mil pessoas começaram um movimento migratório em direção a outros países.

Dois documentários recentes buscam, através de estratégias diferenciadas, mostrar alguns elementos desse novo processo migratório internacional. O primeiro *100% boliviano, mano* (2013), mostra a imigração boliviana em São Paulo e o segundo *Migrantes do Haiti* (2015), apresenta o processo de imigração de haitianos em direção aos grandes centros do Brasil.

Migração no singular: *100% boliviano, mano*

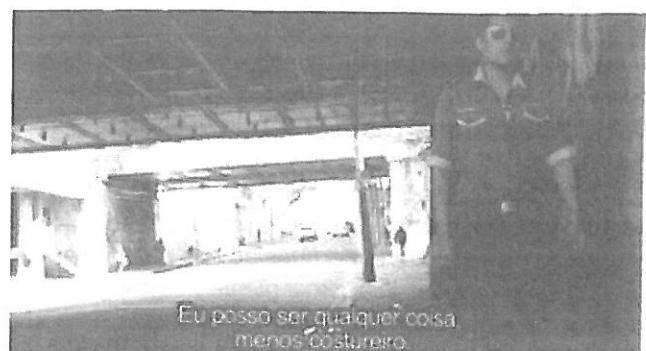


Figura 1 - Frame do documentário: *100% boliviano, mano* (2013)

O curto documentário realizado por Luciano Onça e Alice Riff, de somente 14 minutos de duração, mostra momentos da vida do adolescente Denilson Mamoni, ou melhor, Choco, de 15 anos, boliviano e vivendo em São Paulo com a mãe desde os nove anos de idade. Trata-se de um retrato da migração no singular, será sobretudo através da imagem e da fala de Choco que compreenderemos a dura realidade de migrantes bolivianos em São Paulo, marcados por estigma, preconceito e violência.

O documentário apresenta uma vertente da imigração internacional de bolivianos que migram para São Paulo em busca de melhores condições de vida.

Para a socióloga Patrícia Tavares de Freitas (2012):

A partir do fim dos anos 1980, o ambiente urbano da cidade de São Paulo viu aparecer a presença crescente de jovens homens e mulheres imigrantes bolivianos que vieram trabalhar nas oficinas de costura clandestinas, geralmente vinculadas à produção de roupas de comerciantes coreanos que imigraram para a América Latina a partir dos anos 1960. (tradução livre dos autores).

A direção desses migrantes é a cidade de São Paulo, onde na sua grande maioria trabalham em oficinas de costura pertencentes a eles mesmos ou a coreanos. Temos aqui uma dupla condição de migração, onde por vezes os coreanos que conseguem adquirir pequenas confecções e lojas no popular bairro do Bom Retiro em São Paulo, vão empregar outros migrantes, no caso os bolivianos. A migração coreana para o Brasil é mais antiga que a boliviana, data dos anos 1960. Já a migração boliviana iniciada nos anos 1980, é recente e tem atraído cada vez mais bolivianos que deixam o seu país, e a crise econômica, vindo para o Brasil em busca de uma melhor situação. Para Patrícia Tavares de Freitas (2010),

Na cidade de São Paulo, o setor de confecção continua a funcionar como um importante receptáculo das comunidades de imigrantes, refletindo algumas dessas "novas" tendências migratórias. Nesse sentido, destaca-se, atualmente, a entrada, nesse setor da cidade, de imigrantes coreanos, como atacadistas e bolivianos, como força de trabalho e donos de oficinas de costura. E, apesar da distância geográfica e cultural destas duas comunidades, bolivianos e coreanos fazem parte de um mesmo circuito de produção e comercialização de roupas, que adquire visibilidade a partir de fins da década de 1980, na capital paulistana...

O documentário não abordará frontalmente essas questões, mas mostra a situação da migração através do olhar do adolescente, pertencente à segunda geração de migrantes e agora com quinze anos, o qual se sente inserido na sociedade brasileira e paulistana, estuda, fala português e faz planos para o futuro, como ter uma boa profissão. Os planos tanto do jovem, quanto da mãe, são de ficar em São Paulo onde já estão inseridos socialmente e profissionalmente. O documentário transita entre a identidade boliviana e a do país de acolhimento, por exemplo, a mãe

fala "portunhol" (português com mistura do idioma espanhol), já o filho fala português. Esse elemento de reforço da identidade é sublinhado, por exemplo, nas festas populares bolivianas realizadas em São Paulo, como a do dia seis de agosto, data da independência da Bolívia e que congrega muitos dos imigrantes bolivianos vivendo na cidade que se apresentam com trajes típicos. Essa questão pode ser observada no filme através da fala de Carmen, mãe de Choco,

Eu gosto de participar [da festa da independência da Bolívia]. Porque me lembra a Bolívia. Não se pode esquecer as danças típicas de lá. Minha mãe veste assim todos os dias [Carmen esta usando uma roupa tradicional]. Ele (Choco) tem que saber como é a cultura boliviana, não pode esquecer. Por isso eu estou alegre que ele esteja aqui também. Isso é a cultura boliviana.

Em outro momento do filme vemos Choco andando com amigos por uma feira de rua em São Paulo, a *Kantuta*, onde são apresentados e vendidos produtos bolivianos, como também se oferece trabalho para os ateliers de confecções, mantidos por coreanos. Enquanto vemos na imagem cenas da praça, ouvimos três vozes que abordam a questão do ponto de vista tanto social e identitário, quanto profissional.

Voz de um megafone em espanhol: *Sejam bem-vindos, esta é a Praça Kantuta, onde estão as emoções e sensações. Cada final de semana mostrando nossas tradições e costumes.*

Voz de Choco: *Aqui é um encontro de bolivianos. Tem as comidas que os bolivianos gostam, preferências, filmes bolivianos, quase tudo, corte de cabelo.*

Voz do amigo de Choco: *E tem também carros oferecendo trabalho na costura. Você pode pegar cartão se precisa de trabalho, por isso que vem tanta gente aqui.*

Muitos dos bolivianos radicados em São Paulo, a exemplo de Carmen, mãe de Choco, trabalham para coreanos nos ateliês têxteis, e será sobre essa questão que o adolescente falará em voz *off* na parte final do documentário:

Conheço muitas pessoas que costumam. Jovens não muitos, mas adultos sim. Tem muitos costureiros que eu conheço. Eu já falei, eu não vou ser costureiro. Mesmo se eu morar na rua, não vou costurar. Eu quero que minha mãe fique orgulhosa de mim. Não quero que ela fale: eu dei pro meu filho um esforço, uma educação. Pra quê? Pra virar costureiro. Eu quero que ela fale, meu filho é doutor, advogado ou tem uma loja, alguma coisa. Mas costureiro não penso em ser, não.

Será sintomático que a após essa fala, no plano seguinte e que finaliza o documentário, se apresente Choco esperando amigos na rua, e um cartaz colado atrás do adolescente informando que "*Precisa-se de costureira(o)*".

Observamos nesse filme a relação estabelecida com o país de acolhimento e vivenciada por jovens da segunda geração da imigração, neste caso o

adolescente se sente inserido na nova sociedade, já não pensa mais em retornar ao país de origem e vislumbra para si um futuro melhor que o encontrado pela mãe. O recurso utilizado pelos diretores foi o de apresentar alguns dos momentos vivenciados por Choco na cidade de São Paulo através dos espaços vivenciados pelo personagem, como a casa em que vive, a escola onde estuda, a estação da Luz, praças e ruas onde circula; e na banda som ouvimos em voz *off* a fala de Choco pontuando importantes questões sobre a experiência da vivência em outro país e as fases da inserção e integração ao novo meio. No final observa-se um jovem com aspirações de um futuro melhor que o distancie da situação de pobreza ainda vivenciada pela mãe, imigrante da primeira geração.

Migração no plural: *Migrantes do Haiti*

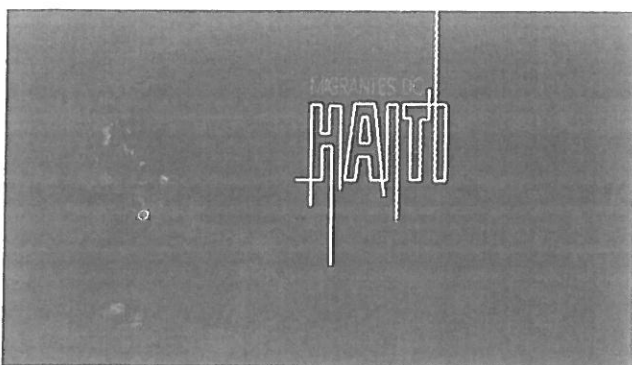


Figura 2 - Frame do documentário: *Migrantes do Haiti* (2015).

O documentário *Migrantes do Haiti*, realizado por André Martirani em 2015, com duração de 33 minutos, é de outro tipo, diferente do filme anterior. Trata-se aqui de um produto produzido pelo canal televisivo brasileiro TV Câmara, com uma proposta mais abrangente que a anterior, pois busca mostrar a questão da migração de haitianos em direção ao Brasil, evidenciando diversos aspectos e atores sociais envolvidos no processo. As vozes aqui são múltiplas, ouvimos haitianos vivenciando o processo migratório, um padre, coordenador da Casa do migrante em São Paulo e dois deputados que abordam as questões legais vinculadas à migração no Brasil.

Trata-se certamente de um produto mais clássico e que podemos categorizar como expositivo, utilizando uma das categorias propostas pelo teórico Bill Nichols (2005), mesmo se a voz *over* está ausente da obra documental. O dispositivo utilizado pelo realizador foi de mostrar o processo migratório seguindo a trajetória dos imigrantes desde o Haiti até a chegada em São Paulo.

Já no início do documentário, vemos imagens da capital do Haiti Porto Príncipe e informações escritas na imagem:

- “*Porto Príncipe (capital). 10,2 milhões de habitantes*”.
- “2004, conflitos internos levaram à criação de uma missão de Paz da ONU liderada pelo Brasil”.
- “Em 2010 um terremoto de magnitude 7,3 durou 35 segundos e causou um prejuízo de US\$ 14 bilhões. Mais de 2,3 milhões de desabrigados. Mais de 316 mil mortos”.

- “44% da população vivem com menos de US\$1,25 por dia”.

Logo depois a imagem de um mapa mostra o Haiti e o movimento em direção ao Equador e Peru antes da entrada no Brasil.

Uma voz *off* de um imigrante coloca-nos face uma visão positiva da migração, ainda presente no imaginário dos haitianos prestes a entrar em território brasileiro. Ouvimos um deles dizer “*Brasil é legal, Brasil é sorriso*”. Em seguida a imagem mostra um dos imigrantes, Gladmy Saint Louis e vamos ouvi-lo falar de sua experiência da migração. Este era estudante de engenharia agrônoma no Haiti e por razões econômicas foi obrigado a migrar, vivendo atualmente em Santa Catarina, onde trabalha na indústria.

A migração de haitianos em direção ao Brasil é recente, e aumentou, sobretudo após o devastador terremoto de 2010, os imigrantes haitianos na sua maioria seguem um percurso similar, deixam o Haiti, se instalam no país vizinho, República Dominicana, dali iniciam uma longa viagem até o sul do Brasil, passando pelo Equador e Peru. A maioria dos imigrantes haitianos tem por objetivo se instalar nos estados brasileiros de São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

O documentário *Migrantes do Haiti* (2015) acompanhará este percurso dando voz a muitos desses imigrantes que vêem o futuro de forma positiva. A exemplo do depoimento de Gladmy Saint Louis ou da jovem Jendy Violene, que estudava Direito no Haiti, e foi obrigada a imigrar em decorrência das difíceis condições de vida que encontrava no país natal, ou como diz em francês “*Eu saí do Haiti, por que é um país miserável*.” Essa questão da miserabilidade será enfatizada na fala, em francês, de Dieuny Casimir (24 anos), “*Quando eu era criança eu era muito pobre, agora eu sou grande e sou muito pobre*”. Todos, sem exceção, procuram melhores condições de vida no Brasil e se possível retornar aos estudos iniciados no Haiti. No imaginário dos imigrantes encontrarão aqui melhor acolhimento e um trabalho que possibilitará realizar economias e retornar ao país natal.

Para as teóricas da comunicação, Denise Cogo e Terezinha Silva (2016):

A mobilidade haitiana para o Brasil é um movimento migratório que se insere nas reconfigurações dos movimentos migratórios internacionais que têm se caracterizado por maior diversidade e multidirecionalidade. Nesse contexto, a partir de 2008, o Brasil passa a ocupar um específico posicionamento como país receptor de imigrantes, tornando-se novamente opção de grupos migratórios diversos, dentre os quais norte-americanos, espanhóis, portugueses, senegaleses e haitianos.

Ao chegar em São Paulo após deixar o Acre, após uma longa e cansativa viagem de autocarro, muitos desses imigrantes procuram abrigo na Casa do Migrante, vinculada à Missão Paz e mantida pela igreja católica. Nesse momento é-nos apresentado o padre Paolo Parise, da Pastoral do Migrante, que

contextualizará a questão da imigração haitiana abordando a espinhosa e difícil inserção desses migrantes que devem inicialmente aprender a língua portuguesa, a fim de buscar alguma atividade profissional. Ele pontua que:

Nesses anos que estamos acolhendo os haitianos, 2500 em 2014, 3000 este ano, a gente se depara que ao chegar ao Brasil, é um grande choque. O imaginário que eles constroem no Haiti antes de sair, é que encontrariam facilidade de trabalho, dinheiro, salários altos, alguns acham que podem ganhar até US\$1.500. Aí quando chegam é um momento de decepção muito grande. Aí eles vão ter que lidar com a realidade e se reconstruir. Encontram dificuldade em arrumar uma casa, dificuldade em arrumar um emprego, que sobre dinheiro para poder enviar para a família. E muitos dizem, não queremos que as TVs brasileiras passem a imagem que estamos passando dificuldades, queremos passar uma imagem de vencedores.

Paris traz em diversos momentos do documentário informações importantes sobre a recente questão da migração dos haitianos para o Brasil, abordando, por exemplo, as questões legais vinculadas à entrada de imigrantes no Brasil.

Para Paris:

O Brasil está com um pequeno número de imigrantes, não chega a 1% da população brasileira, na maioria dos países tipo Estados Unidos países da Europa chega a 10%, 15% a população imigrante. É só pensar, tem três brasileiros fora para um estrangeiro migrante dentro.

O Brasil atualmente ainda é refém de uma legislação, o estatuto do estrangeiro, filho da época da ditadura militar, que olha o imigrante como suspeito, até como ameaça, o imigrante é um perigo. É a lógica da segurança nacional. Isso está mudando, é importante que o imigrante seja visto sob a lógica dos direitos humanos, mudança de paradigma.

O último depoimento do filme difere dos outros apresentados anteriormente, agora trata-se de um jovem, Exatus Bunet, já inserido na sociedade brasileira, vivendo em São Paulo, onde trabalha oito horas por dia e estuda engenharia elétrica à noite numa faculdade particular. Bunet de forma muito lúcida aborda a questão da imigração,

A imigração é deixar se país para ir para outro país. Seja para procurar uma melhoria, ou seja, para procurar outra coisa que possa te ajudar na vida. Os brasileiros são muito amáveis. É fácil fazer amigos no Brasil. Eu fiz amigos brasileiros. Foram eles que me ajudaram a encontrar trabalho. Meu sonho é estudar, retornar para o Haiti e trabalhar com meus irmãos para melhorar a situação de meu país. Eu gostaria que a juventude fizesse uma revolução para que o país possa sair dessa situação. Se nós haitianos decidirmos retornar, o Haiti será um outro país.

À guisa de conclusão

Na atualidade a questão da imigração e dos refugiados é das mais prementes e atinge diversas sociedades e países, as razões para este movimento de população são variadas, algumas dramáticas, sendo necessário buscar solução ao problema, o que muitos governos, e instituições como a ONU, têm tentado através de medidas e debates realizados.

O cinema tanto ficcional quanto documental está igualmente atento a esse espinhoso tema e tem trazido em muitas obras questionamentos e olhares diversos que ajudam a pensar e refletir sobre o tema abordado. Certamente o cinema não modifica uma sociedade ou soluciona problemas, mas pode fazer com que as pessoas se sensibilizem, despertar a consciência do público, promover comportamentos de cidadania, modificar a percepção sobre certas questões, designadamente sobre essa delicada questão da imigração.

A fim de lançar um olhar reflexivo sobre a imigração e sua representação pelo cinema documentário, buscamos abordá-la sob um prisma ainda pouco analisado, a imigração de bolivianos e haitianos para o Brasil. Trata-se certamente de uma imigração recente, por exemplo, no caso das pessoas vindas do Haiti este movimento de população intensificou-se somente a partir dos anos 2010.

Através de dois recentes documentários buscou-se trazer um olhar sobre essas duas formas de imigração. No caso da imigração boliviana, observamos em *Boliviano 100%, mano*, que muitos dos imigrantes instalados no Brasil não pensam retornar ao país de origem, sentem-se inseridos na sociedade brasileira e sonham com um futuro melhor. É necessário sublinhar que aqui se trata, sobretudo da segunda geração de imigrantes, jovens que se inserem com mais facilidade na sociedade de acolhimento e começam a pensar num futuro vivendo no país que os acolheu.

Já para a imigração de haitianos a situação é outra, como pudemos observar em *Migrantes do Haiti*. Trata-se aqui de jovens migrantes que deixam o seu país, sobretudo após 2010, quando um catastrófico terremoto se abateu sobre o Haiti. Muitos estudavam no país de origem e devido as precárias condições de vida advindas após a catástrofe decidem deixar o país. Para a maioria desses jovens a imigração é vista como temporária, um momento para se recompor, sobretudo financeiramente e retornar para o país de origem. É necessário observar que nesse caso são apresentados imigrantes jovens da primeira geração onde sonhar com um retorno é ainda possível.

A questão das migrações exige políticas públicas adequadas dos países e dos Estados. Como os dois documentários sublinham, o Brasil deverá também rever a legislação no que tange à questão da imigração, propondo mudanças para que possa desenvolver-se um outro olhar para os estrangeiros que desejam instalar-se no país. A começar por uma alteração na lei que não veja mais os imigrantes como uma ameaça e que possam ser encontrados mecanismos que os ajudem a inserir-se no Brasil, a fim que este seja realmente um país de acolhimento.

Nós viemos de longe
 Por caminhos desconhecidos
 Sem deixar nenhum rastro
 E não sabemos onde é o nosso lugar

Nos deram lápis e papel
 Para definir nossa identidade
 Mas nós não sabemos quem somos
 Exceto que nós somos todos homens

Jean-Paul Inisan (2015)

Reminiscências de uma viagem para a Lituânia. 1972. Jonas Mekas. EUA, DVD.
100% boliviano, mano. 2013. Luciano Onça & Alice Riff. Brasil, 13 min.
Fuocoammare. 2015. Gianfranco Rosi., Itália/França, 108 min.
Viramundo. 1965. Geraldo Sarno. Brasil, DVD.
Lisboetas. 2004. Sérgio Tréfaut., Portugal, DVD.

Referências bibliográficas

COGO, Denise & Silva, Silva. 2016. "Entre a fuga e a invasão: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira". In *Revista Famecos* (Online). Porto Alegre, v. 23, n. 1.

FREITAS, Patrícia Tavares de. 2010. "Imigração e Trabalho: determinantes históricas da formação de um circuito de subcontratação de imigrantes bolivianos para o trabalho em oficinas de costura na cidade de São Paulo", in *Anais do XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, Caxambú (MG/Brasil).

FREITAS, Patrícia Tavares de, "Entreprise ethnique, territorialités et filière migratoire : les migrants boliviens dans l'industrie du vêtement à São Paulo", e-Migrinter [En ligne], 8 | 2012, consultado 02 de abril 2016. URL : <http://e-migrinter.revues.org/611> ; DOI : 10.4000/e-migrinter.611

INISAN, Jean-Paul. 2015. *Étranger est l'éternel - chants et poèmes pour migrants et autres mal-aimés de ce monde*, Éditions Edmond Chemin.

NICHOLS, Bill. 2005. *Introdução ao documentário*, Campinas: Papyrus Editora.

RAMOS, Natália. (org.). 2008. *Saúde, Migração e Interculturalidade*. João Pessoa: EDUFPB.

RAMOS, Natália. 2009. "Saúde, Migração e Direitos Humanos" In *Mudanças. Psicologia da Saúde*. S. Paulo, 17 (1), p. 1-11.

Disponível : em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/MUD/article/viewPDFInterstitial/1924/1938>

RAMOS, Natália. "Família e maternidade em contexto migratório e intercultural". 2012. RAMOS, Natália *et al.* (Org.) In: *Família, Educação e Desenvolvimento no séc. XXI. Olhares Interdisciplinares*. IPP: ESEP, p. 21-28. E-Book. <http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2189/3/ebook11.pdf>

RAMOS, Natália. 2015. "*Famílias migrantes nas cidades interculturais: Acolhimento, solidariedade e saúde.*" Livro de Atas do 1 Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa, p. 2956-2968.

http://www.omeuevento.pt/Ficheiros/Livros_de_Actas_CONLAB_2015.pdf.

Referências filmográficas

News from home. 1977. Chantal AKERMAN. Bélgica/França/Alemanha, DVD.

Migrantes. 1973. João Batista de Andrade. Brasil, 8 min.

Dheepan. 2015. Jacques Audiard. França, DVD.

Les gens des baraques. 1995. Robert. Bozzi. França, DVD.

Fátima. 2015. Philippe Faucon. França/Canadá, DVD.

Migrantes do Haiti. 2015. André Martirani. Brasil.